

ENTRE IDEOLOGIA E REPRESENTAÇÃO

Novos Olhares Sobre as Mulheres Atenienses

DAYANNE DOCKHORN SEGER*

RESUMO

O presente artigo apresenta os contrastes entre a ideologia criada ao redor das mulheres atenienses - expressa em discursos de autores antigos, como os de Xenofonte e Aristóteles - e a representação feminina em vasos cerâmicos decorados dos séculos VI, V e IV a. C., da região da Ática - analisando cenas que demonstram a presença feminina fora do espaço demarcado dos discursos e realizando todo o tipo de atividades na *pólis* ateniense. Ambas as análises, tanto da documentação textual, como da iconografia vascular, são feitas de forma a criticar a postura acadêmica que por muito tempo apresentou a situação das mulheres atenienses de maneira marginalizada.

Palavras-chave: Representações femininas; Grécia Antiga; cerâmica ática.

ABSTRACT

This article presents the contrast between an ideology created around Athenian women - verbalized in ancient authors' speeches, such as Xenophon and Aristotle - and female representation on Attic pottery from VI, V and IV B.C. - describing scenes that demonstrate the presence of women out of their assigned space and exercising all kinds of activities in Athens. Our analysis of both ancient sources and iconographic content of Attic pottery are made in order to criticize the academic posture that long conditioned a marginalized and forgotten identity towards the situation of Athenian women

Keywords: Female representations; Ancient Greece; Attic pottery.

* Bacharel em Antropologia com linha de concentração em Arqueologia pela Universidade Federal de Pelotas e pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (LECA-UFPel) - dayannedockhorn@gmail.com. Artigo derivado da pesquisa de conclusão de curso intitulada "Olhares antigos e modernos: ideologia e representação feminina em contextos de trabalho na Atenas Clássica", desenvolvida por mim em 2015, no âmbito do Curso de Bacharelado em Antropologia Social e Cultural e Arqueologia, Universidade Federal de Pelotas.

Considerações iniciais

A maneira como uma sociedade estrutura as relações entre o feminino e o masculino tem grandes implicações para a totalidade de um sistema social, afetando os papéis individuais e direcionando as vidas de mulheres e homens, seus valores, instituições sociais e o próprio caráter da sociedade. A sociedade grega antiga opôs o feminino ao masculino, condicionando a guerra como medida ideal para a vida dos homens e o casamento para a vida das mulheres; consequentemente, o aspecto heroico guerreiro e os valores tradicionais da boa esposa foram cultivados como base do sistema de relações sociais.

Ao discutir a representação e a ideologia por trás das fontes antigas e da historiografia normativa do século XIX acerca das mulheres atenienses, nos cabe uma pequena introdução aos estudos de gênero, contextualizando este trabalho dentro de um campo muito amplo de pesquisas sobre as mulheres na antiguidade, que vem somente crescendo nos últimos anos.

As pesquisas em gênero começaram a ganhar espaço no mundo acadêmico a partir da década de 1970, influenciadas em parte pelo contexto da primeira e segunda ondas feministas, a última cuja repercussão nas ciências sociais se fez sentir através da reivindicação da presença feminina no discurso historiográfico até então difundido. No desenrolar da década de 1960, a segunda onda feminista contestou principalmente a discriminação das estruturas de poder sexistas e a invisibilidade das mulheres, demonstrando o modo como a percepção e a experiência da mulher foram repetidamente trivializadas, marginalizadas ou completamente ignoradas no decorrer da história¹. Isso pode ser atribuído ao fato de que, na visão aplicada pela maioria dos pesquisadores, o homem branco, ocidental e de classe média é o sujeito universal. São suas expectativas sociais, políticas e culturais impressas no discurso, fato que nega a presença das mulheres (e de diversos outros atores) como sujeitos ativos na história. Deste modo, construiu-se no discurso acadêmico uma perspectiva que afirma a organização ocidental moderna como invariante, indiscutível e implícita em todas as culturas.

A chamada “História das Mulheres” surge exatamente nesse contexto de questionamento da normativa histórica estruturada na exclusão (dos negros, das camadas sociais baixas, das mulheres), durante a segunda metade do século XX, e com especial atenção ao lugar das mulheres na produção do conhecimento e no espaço público, preocupando-se em recuperar a atuação feminina no processo histórico. As construções prévias da imagem feminina – pacífica e submissa – foram continuamente questionadas, o que levou à “urgência de uma nova historiografia”², social e politicamente engajada. Marta Mega de Andrade indica que “*nos últimos anos, o estudo das mulheres na história provou que poderia ser de conseqüências muito mais vastas para a historiografia do que o movimento feminista poderia esperar.*”³

Nesse desenvolvimento, o conceito de gênero⁴ foi central para a passagem da História das Mulheres - que acabou se tornando muito mais um processo de adicionar as mulheres na história, do que o estudo da relação das mulheres entre si e com os homens - a uma verdadeira “história de gênero”.

A Arqueologia de Gênero, por sua vez, surge nas próximas décadas como alternativa

1 NICHOLSON, Linda. “Interpretando o gênero”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 8, n. 2, 2000, p.9-42.

2 ANDRADE, Marta Mega de. “O Feminismo e a Questão do Espaço Político das Mulheres na Atenas Clássica”. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. *Anais Eletrônicos do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, 2011, p.1-15.

3 *Idem*, p.1.

4 Nesse sentido, ver: SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1995.

para buscar o lugar social das mulheres dentro das sociedades em que estavam inseridas, contemplando sua contínua relação com outros sujeitos ativos. Sendo seu desenvolvimento inspirado nas correntes e estudos feministas, ela demonstra sua insatisfação com as maneiras pelas quais o passado foi continuamente representado, e o impacto da experiência moderna sobre ele. Através do seu discurso ideológico, ela admite seu caráter político, apresentando uma proposta de recuperar o papel sociocultural da mulher através dos vestígios deixados pela cultura material, que se estende ao interesse na representação iconográfica e nas imagens de figuras femininas produzidas na Antiguidade⁵. Refletindo sobre o contexto de formação da Arqueologia como disciplina científica, é possível afirmar que o enfoque nos estudos de gênero apresenta grande potencial para a promoção da igualdade e inclusão social, uma vez que os pesquisadores, através das suas escolhas e abordagens dos temas de pesquisa, podem trazer implicações políticas, sociais e econômicas para as comunidades contempladas.

Entretanto, o gênero tem sido usado e aplicado em inúmeros trabalhos apenas com um caráter estético em relação à arqueologia “tradicional”, sendo ainda muito caracterizado como um processo de adicionar mulheres nas interpretações do passado, não contemplando especificidades das relações de gênero ou como elas se articulam na sociedade. Deste modo, a Arqueologia de Gênero tem se tornado apenas uma subdisciplina, como qualquer outra especialidade, com pouco ou nada restante de sua origem crítica e feminista.

Esse “*gender mainstreaming*”⁶ apresenta como resultado estudos de gênero que normalmente não envolvem mudanças sociais, acabando por simplesmente descrever desigualdades ou servir como um termo para trabalhos que não envolvem feminismo, ocasionando o prolongamento da “inocência” do discurso arqueológico e a construção de um passado a-histórico. Para fugir desse vício, nossa alternativa é uma escolha epistemológica e ética, que tem como objetivo empregar uma visão crítica durante a pesquisa arqueológica e histórica, de modo a promover o diálogo entre o passado e as sociedades do presente.

Na Atenas clássica, sobre a qual pretendemos investigar, as relações de gênero se constituíam como relações hierárquicas e de poder, que se exteriorizavam em um discurso normativo de dominação masculina refletido na produção artística, intelectual e jurídica daquela sociedade⁷. Deste modo, procuramos pelo modo no qual a divisão sexual operava, e a forma como os espaços se organizavam em função dela⁸, pois uma forte percepção entre o espaço público e o privado foi construída na historiografia de maneira a organizar a sociedade em um quebra-cabeça perfeitamente montado, associando a esse binarismo o homem e a mulher. Ao aplicar modelos antropológicos e etnográficos das sociedades mediterrânicas modernas (que serão mais detalhadamente comentados adiante), relativizando discursos que foram consagrados na academia e fora dela durante muito tempo, reconstituindo os principais aspectos das supostas instituições que vigoravam na época (a *pólis* e o grupo doméstico - *oikos*), nossa aproximação a uma “reconstrução” do caráter daquela sociedade, sua estrutura social, política e econômica torna-se possível. Temos consciência de que essa reconstrução sempre se constitui, na realidade, em uma *construção*, causando diversas implicações sobre

5 CANDIDO, Maria Regina (Org.). *Mulheres na Antiguidade*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rio-DG, v. 1, 2012, p. 368.

6 Termo utilizado por KOKKINIDOU, Dimitra & NIKOLAIDOU, Marianna. *Feminism and Greek Archaeology: an encounter long over-due*. Disponível em: <<http://www.archaeology-gender-europe.org/docs/dimitra.pdf>> Acesso em: 20/07/2015.

7 GUIMARÃES NETO, Edson Moreira. *Gênero, Erotismo e Poder: Comparando Identidades Femininas em Atenas (Séculos VI-IV a.C.)*. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010, p. 24.

8 SILVA, Talita Nunes. *As Estratégias de Ação das Mulheres Transgressoras em Atenas no V século a.C.*. 2011. 199 f. (Mestrado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011, p.22.

a visão que as pessoas terão dessa sociedade. Como aponta Marilyn Katz⁹, e resumindo de forma concisa nossos objetivos com este artigo: o debate sobre o status das mulheres na Grécia Antiga não é somente uma tentativa de entender um modo de vida passado, como também é um discurso sobre o lugar da mulher na sociedade burguesa moderna, que teve seu início no Iluminismo e continua até o presente. Esse discurso será apresentado a seguir.

A criação de uma ideologia feminina

É notável a vasta literatura enfatizando a inferioridade feminina perante o homem que a antiguidade grega produziu¹⁰. Como boa parte do mundo se considera e é considerada herdeira da cultura, filosofia e ideais de democracia da Atenas clássica, a elaboração da experiência, e até mesmo da apropriação da história desse período, se torna um recurso fundamental para análise do momento atual acerca da condição feminina, colocando em questão a hierarquia de gênero tradicional. Sem dúvida nenhuma, hoje podemos afirmar que o modelo das mulheres de Atenas forjou expectativas modernas quanto ao papel social feminino em nossa sociedade. A “exemplaridade” das atenienses toma forma na clássica associação do feminino ao lar, às atividades domésticas, em complementaridade ao papel masculino, remetido às atividades da esfera pública. Essa estrutura muitas vezes acaba por nos parecer natural; entretanto, a naturalidade desses papéis sociais tem uma história.

Se considerarmos que o registro histórico foi a principal fonte de discurso consultada da Grécia antiga durante muito tempo, a nossa preocupação com as construções da imagem que atribuímos às sociedades passadas cresce em dimensão e abrangência. Sabemos, pois, que a posição hierárquica da escrita sobre os outros meios de discurso social¹¹ foi consolidada nos meios acadêmicos durante um longo tempo com o argumento de serem “mais autênticas, oficiais e reais representantes das sociedades”¹². Foi somente nas últimas décadas que os estudos interdisciplinares foram pensados de forma a contribuir para a criação de um passado mais realista e menos excludente. Entretanto, consideramos que as fontes textuais, assim como o registro material, são somente parciais¹³, e um estudo que utilize apenas um deles estará privilegiando uma perspectiva específica.

Quando consideramos a sociedade grega antiga como “objeto” de estudo, não perdemos de vista o fato de que a maior parte das fontes históricas é escrita por homens, refletindo sua percepção da realidade. Isso significa que o estudo da literatura antiga é o estudo da visão do homem sobre a mulher e, segundo Katz (1992), não pode ser nada além disso. Trazido pela historiografia normativa, esse discurso masculino outorgava às mulheres a ausência de fala e poder político na sociedade em que estavam inseridas (GUIMARÃES NETO, 2010), gerando o dito imaginário de inferioridade do gênero feminino, que foi naturalmente reafirmado em todos os aspectos do imaginário grego, criando uma disparidade não somente política, mas também social. Demarcava, portanto, o lugar da mulher em relação ao homem e à *pólis*. Os papéis sociais e as expectativas de cada

9 KATZ, Marilyn A. “Ideology and “The Status of Women” in Ancient Greece”, *History and Theory*, v. 31, n. 4, Beiheft 31: *History and Feminist Theory*, 1992, p. 70-97.

10 LESSA, Fábio de Souza. *O feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, p.106.

11 A arquitetura remanescente em solo grego pode nos informar sobre a composição e alteração da paisagem; as esculturas nos informam ambas como objetos de arte e opulência social; os vasos cerâmicos - disseminados por toda a pólis, e o discurso iconográfico que eles carregam consigo - nos informam como objetos de uso cotidiano; todos compõem discursos sociais materializados na sociedade.

12 REGIS, Maria Fernanda Brunieri. *Mulheres nos sympósia: representações femininas nas cenas de banquete nos vasos áticos (séculos VI ao IV a.C.)*. 2009. 286 f. 2 vols. (Mestrado em Arqueologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, p.6.

13 LEWIS, Sian. *The Athenian Woman: an Iconographic Handbook*. London/New York: Routledge, 2002, p.13.

“tipo” de mulher são definidos por Demóstenes no discurso do *Contra Neera*¹⁴: “Temos as cortesãs em nome do prazer, as concubinas para os cuidados diários e pessoais, e as esposas para nos gerar filhos legítimos e para serem fiéis guardiãs de nossos lares.”

De acordo com Fábio Lessa¹⁵, os veículos de propagação do imaginário do comportamento feminino presente na ideologia ateniense foram dois: os textos escritos, que tinham caráter educacional e foram transmitidos em sua maior parte pela tradição oral, e a iconografia vascular, que muitas vezes entra em concordância com a documentação, mas não é suficiente para conformar uma regra. No caso do discurso textual, aquele educacional, a sua conformação na academia como verdade absoluta, sem relativizar seus dados e o lugar de onde aqueles autores falavam (figuras da elite, em sua maioria) foi realizada majoritariamente por figuras masculinas e serviu aos seus próprios propósitos.

É possível perceber, durante o século XIX, como estudiosos da antiguidade grega justificaram a separação dos papéis sociais entre homens e mulheres remetendo-se ao contexto grego, construindo uma imagem das mulheres atenienses como “eternas menores”¹⁶, que viveram “às sombras da Acrópole e da democracia atenienses”¹⁷. Em um contexto que remontava a origem da cultura europeia até a Grécia antiga, o papel social das mulheres, construído ao reflexo da esposa grega (casta, silenciosa, reclusa e subordinada ao marido), encontrou fortes justificações e passou a ser tido como “natural”. Ao mesmo tempo, a cultura, o público, a arena política e a vida social se associaram ao gênero masculino; também a reflexão direta do papel masculino dentro da pólis ateniense. A partir disso, desdobrou-se a desvalorização do campo feminino, evidenciando a sua subordinação e, principalmente, sua inferiorização. Não é nosso interesse corroborar essa visão, pois acreditamos que, se colocarmos os princípios básicos sob os quais construímos nossa sociedade como universalmente válidos, geográfica e historicamente, a conclusão será sempre aquela em que condicionamos as mulheres como sujeitos vitimizadas.

Servindo como base para a visão do século XIX da exclusão da mulher da sociedade civil, a imagem das mulheres de Atenas também serviu como a motivação para o estabelecimento dos estudos das mulheres na antiguidade grega no século seguinte¹⁸. Em princípio, todo o debate foi centrado na questão do status das mulheres na Grécia antiga, tornando-se um paradigma de estudo principalmente a diferença de papel e posição social entre as esposas bem-nascidas e as prostitutas denominadas *hetairai*¹⁹. As últimas eram tidas como símbolos da emancipação feminina porque, ao contrário das esposas, supôs-se que desfrutavam de maior liberdade de fala e movimento, além de se inserirem no campo masculino e possuírem certo nível de educação formal, do qual as esposas careciam. Foi apenas nas últimas três décadas que o paradigma de investigação sobre o *status* das mulheres foi substituído, sendo relacionado com a introdução da descontinuidade entre a antiga concepção da relação de *pólis*/

14 DEMÓSTENES, “Contra Neera”. In: *Discursos Privados*. Madrid: Gredos, 1983, LXI, v. 122.

15 LESSA, Fábio de Souza. *Mulheres de Atenas: Mélissa do Gineceu à Agorá*. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga, UFRJ, 2001, p. 12-19.

16 REGIS, *op.cit.*, p.86.

17 MEYER, *op.cit.*, p.24.

18 KATZ, *op.cit.*, p.70.

19 Maria Fernanda Brunieri Regis (2009, p. 88-9) sintetiza o papel das *hetairai* na sociedade e imaginário gregos: “Em oposição ao modelo idealizado de esposas, instituiu-se um outro paradigma de status feminino: as *hetairai* – cortesãs de luxo. Elas eram “glorificadas”, retratadas com base em um modelo idealizado, concebidas como personagens cultas, educadas e refinadas para se adaptarem ao convívio masculino. (...) Nos estudos que se preocupam com a temática das cortesãs desde o século XIX podemos perceber, de modo geral, duas linhas de interpretação: autores que retratam as prostitutas e *hetairai* como mulheres livres, educadas e cultas, mais “amadas”, portanto, pelos homens gregos do que as legítimas esposas (...) e, por outro lado, autores que buscam denunciar a exploração e dominação masculina sobre essas mulheres – esta última corrente ganha fôlego principalmente nas últimas décadas do século XX, sob forte influência do feminismo.”

oïkos com a moderna distinção entre público e privado²⁰, mostrando como essas definições e distinções modernas são prejudiciais quando aplicadas aos estudos da Grécia antiga.

A historiografia normativa serviu, portanto, somente para confirmar os valores da ideologia masculina presente em discursos de autores antigos, como, por exemplo, Aristóteles²¹, em que o paradigma comportamental para as mulheres atenienses do Período Clássico (sécs. V e IV a.C.) foi extremamente idealizado, além de ser regido por regras de uma sociedade marcadamente patriarcal: desde pequenas, as meninas eram criadas de acordo com seu papel na sociedade, produzir novos cidadãos, considerando o casamento o evento mais importante da vida da mulher²². As mulheres bem-nascidas, filhas de cidadãos atenienses prósperos, casavam-se muito jovens, tendo sua educação baseada na aprendizagem das atividades manuais, se tornavam mestras nas artes da fiação e tecelagem, assim como aprendiam o silêncio e a submissão. Administravam a casa depois do casamento, mantendo sua atividade sexual contida à concepção dos filhos legítimos. De fato, era muito comum que homens desfrutassem de relações extraconjugais, enquanto o adultério por parte da esposa constituía motivo para o divórcio. Isso ocasionava grande limitação de liberdade e movimento das jovens mulheres, que terminavam por permanecer “isoladas” dentro do **gineceu**, parte da casa destinada especialmente ao gênero feminino²³. Vivendo uma espécie de minoridade legal, dependiam dos pais e irmãos e, em seguida, dependiam de um marido, portanto sempre estavam sob a “proteção” de um senhor²⁴.

Neste discurso, espaços de atuação rígidos são definidos para os papéis sociais do masculino e feminino, tendo como base primordial aspectos remetidos à natureza: em *Econômico*, Xenofonte²⁵ descreve a natureza da mulher para as ocupações do interior, e a do homem para as ocupações do exterior, pois o corpo masculino estaria mais capacitado para aguentar o calor e o frio, ou seja, para as atividades fora de casa. Deste modo, para a mulher, permanecer na tranquilidade da casa não seria desonroso, enquanto para o homem, permanecer em casa, ao invés de dedicar-se a atividades ao ar livre, era algo vergonhoso. Para as fontes antigas, o maior dever e função da esposa, seu grande talento e a *verdadeira realização da vida da mulher* – ou seja, aquilo que ela deve sempre almejar – era o bom manejo do *oïkos*, tornando-se melhor esposa e mãe para o marido e os filhos no decorrer do tempo.

Excluídas da esfera pública, portanto, aquela digna de registro, as mulheres estariam excluídas do relato histórico²⁶, silenciadas e silenciosas. Em oposição a esse silêncio, existe uma abundância de representações e discursos acerca do que a mulher é, ou deveria ser. Podemos afirmar que a esfera feminina descrita em seus próprios termos é virtualmente inexistente em nossas fontes. Contudo, enquanto a documentação escrita corrobora uma visão de separação e exclusão das mulheres, a evidência arqueológica é menos conclusiva (CERQUEIRA, 2012)²⁷. Desse modo, justificamos a opção pelo direcionamento à documentação

20 KATZ, *op.cit.*, p.84

21 ARISTÓTELES. *Os Econômicos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

22 Nesse sentido, Talita Silva, esclarece em SILVA, *op.cit.*, p. 38: “A educação da menina estava assim voltada a lhe preparar para o destino de toda mulher cidadã, o casamento. Embora ele não trouxesse nenhuma alteração no seu status legal ou político; simbolicamente, socialmente e emocionalmente ele era a transição mais importante pela qual ela iria passar. Em Atenas, o casamento não consistia unicamente num simples evento legal, mas em um processo envolvendo certo número de ações e eventos.”

23 POMEROY, Sarah B. *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves – Women in Classical Antiquity*. New York: Dorset Press, 1975, p. 80.

24 ANDRADE, *op.cit.*, p.10.

25 XENOFONTE. *Econômico*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

26 SILVA, *op.cit.*, p.17.

27 CERQUEIRA, Fábio Vergara. “Interpretando evidências iconográficas da mulher ateniense”, *Cadernos do LEPAARQ*. Pelotas, v. 5, 2012, p. 96-126.

arqueológica, pois ela possibilita maior espaço de ação às mulheres do que o discurso historiográfico tradicional. Nosso recorte documental na cerâmica figurada grega serve como base para essas discussões, auxiliando-nos na busca de questões pertinentes para revisão e nos disponibilizando com dados específicos da representação do gênero feminino na iconografia vascular. Através das análises feitas mais adiante, percebemos como as representações na cerâmica não reproduzem fielmente a reclusão feminina, o que demonstra que os pintores não enxergavam o espaço de atuação da mulher estando restrito ao gineceu.

Entretanto, antes de nos remetermos à evidência arqueológica, esclarecemos que a separação dos espaços não quer dizer que as mulheres fossem excluídas da vida social da pólis e, embora não atuassem na vida pública e política tanto como os homens, não significa que não tivessem esfera pública, social e econômica próprias. Andrade (2011, 2014²⁸) aponta para a busca da identidade feminina e política dentro do universo poliade, evidenciando como os estudos que utilizaram o patriarcado como pano de fundo teórico trouxeram somente questões sobre a subordinação e a resistência femininas, deixando poucas possibilidades de ver e pensar além disso, contribuindo para reforçar a imagem de um espaço político restrito aos cidadãos, e consequentemente de uma sociedade profundamente masculinizada. David Cohen²⁹ demonstra como os pesquisadores têm confundido a separação das esferas por reclusão e isolamento, quando vastas evidências demonstram que as mulheres participavam de várias atividades econômicas, rituais ou de lazer que as levavam para fora de casa. O autor é capaz de enumerar um bom número de atividades que as personagens femininas aparecem realizando nas fontes textuais, e atesta para a falsa afirmativa da reclusão das mulheres ao estilo “oriental”.

As evidências antropológicas e históricas das populações do Mediterrâneo também são utilizadas como recurso para correspondências entre a sociedade grega antiga e suas formas de dinâmica social. Em um primeiro olhar na sociedade ateniense clássica, a reclusão feminina e a dominação masculina saltam aos olhos; todavia, a realidade é muito mais complexa do que isso. Estudos antropológicos das sociedades mediterrâneas modernas mostram que os padrões de divisão de papéis entre o masculino e feminino na Atenas clássica são típicos das sociedades tradicionais do Mediterrâneo, e não implicam em exclusão ou reclusão feminina da vida social, econômica e pública. Ao invés disso, demonstram seus mecanismos de relações sociais através da diferenciação entre esfera feminina e masculina na sociedade. A mulher e o homem vivem vidas distintas³⁰, em espaços de atuação marcados e com responsabilidades muito diferentes. Assim, torna-se essencial considerar que a condição das mulheres atenienses só pode ser compreendida dentro de uma visão geral da sociedade.

Como demonstra o exemplo da experiência etnográfica descrita por Jørgen Meyer³¹ em Çatalçam, na Turquia, “as paredes da casa não aprisionam as mulheres, elas mantêm os homens de fora”³². Portanto, a confusão entre a *separação* e a *reclusão* das mulheres gregas nos discursos antigos, escritos em sua maior parte pela perspectiva masculina (que não possui nenhum horizonte dentro da esfera feminina da sociedade), teria sido o que levou a uma imagem incorreta da mulher e seu papel na sociedade³³. Atualmente, aceitamos que a separação

28 ANDRADE, Marta Mega de. “A cidade das mulheres: cidadania feminina e a pólis revisitada”. In: Pedro Paulo A. Funari, Lourdes Conde Feitosa, Glaydson José da Silva. (Orgs.). *Amor, Desejo e Poder na Antiguidade*. 1ª edição. São Paulo: Unifesp, v. 1, 2014, p. 114-5.

29 COHEN, David. “Seclusion, Separation, and the Status of Women in Classical Athens”. In: *Greece and Rome*, v. 36, n. 1, 1989, p.3-15.

30 SILVA, *op.cit.*, p.29.

31 MEYER, *op.cit.*, p.33.

32 Tradução minha, do original: “The walls of the house do not imprison the women, it keeps out the men.”

33 Meyer descreve, ainda, a dinâmica da sociedade dividida em esferas, acreditando ser possível aplicá-la à antiguidade grega: “The logic of the bipartite society reigns. In general, men spend more time with other men, women with other women. Men make friends with men, women with women. Men obtain influence through

sexual entre privado e público e o encarceramento feminino são construções simbólicas dos textos antigos, muito antes de constituírem uma realidade absoluta e, em consequência, devemos direcionar um olhar aberto e flexível à cultura material e o que ela pode comunicar³⁴.

Uma abordagem relacional e completa sobre as mulheres atenienses deve contemplar os dados materiais juntamente aos textos antigos e se debruçar sobre as relações de gênero, não apenas com o intuito de buscar a presença feminina na sociedade patriarcal grega, mas para entender os sujeitos femininos em um contexto mais amplo de suas relações com outros sujeitos sexuais, e entre si. Sabemos que as evidências iconográficas, contrariamente ao discurso historiográfico, apontam para determinadas situações em que mulheres ocupariam espaços na esfera pública, até mesmo no mundo do trabalho, em atividades de cunho masculino, como em ofícios artesanais especializados (CERQUEIRA, 2012), e também na esfera religiosa grega. Nessa perspectiva, é possível afirmar que as esposas de cidadãos e, portanto, “cidadãs”³⁵, tinham papel crucial na atividade ritual da pólis muito bem documentado, constituindo motivo para que “deixassem a casa e atuassem no espaço público-cívico, propiciando a validação social feminina”³⁶.

Admitimos, desse modo, que as mulheres atenienses constituíam um espaço público de atuação próprio, com mais liberdade de movimento do que o discurso masculino deixou entrever. Embora apareçam como reclusas, sem liberdade de movimento e sem atuação na vida social, política e econômica da sociedade na qual estavam inseridas, elas são muitas vezes vistas exercendo atividades fora de seu espaço demarcado. Através da evidência material (e até mesmo de fontes textuais, quando estas discorrem sobre o cotidiano da pólis ateniense), as mulheres aparecem no espaço público, realizando todo o tipo de atividades. Assim, uma revisão mais profunda sobre o discurso que prescrevia o contrário é validada.

A cerâmica decorada grega: materialidade e discurso iconográfico

A Atenas do Período Clássico disseminou os vasos decorados e transformou-os em símbolo da região e da sociedade que os produziu, ao exportar peças de cerâmica para toda a região do Mediterrâneo antigo, contando inclusive com um serviço de produção e distribuição (BOARDMAN, 2001)³⁷. Desse modo, a cerâmica grega se tornou importante meio de conhecimento de aspectos do cotidiano e sistemas sociais, compondo em sua materialidade e iconografia grande parte do imaginário social da antiguidade grega.

Durante o Antiquarismo, iniciado no XVI e prolongado até o século XVIII, a elite europeia, formada por apreciadores da arte, colecionadores e estudiosos, obteve esse material pela admiração ao seu valor estético e sua referência à cultura clássica, de modo que organizou coleções de acordo com preocupações formais e, posteriormente, cronológicas. Mesmo que descontextualizados, sem registro de escavação ou proveniência, a partir do desenvolvimento de um “método arqueológico” – em um primeiro momento, a observação, descrição e atribuição das peças –, os vasos cerâmicos dessas coleções passaram a possuir um caráter de fonte documental sobre a sociedade grega antiga. Oficializou-se, portanto, que através da

male networks of friends, women through female networks” (MEYER, 2004, p. 35).

34 DUKELSKY, Cora. “El poder evocador de las imágenes: fuentes y mujeres en la cerámica griega”. In: CERQUEIRA, Fábio; GONÇALVES, Ana Teresa; MEDEIROS, Edalaura e BRANDÃO, José Luís (Orgs.). *Saberes e poderes no Mundo Antigo: Estudos ibero-latino-americanos, vol. 1: Dos saberes*. Coimbra: Simões e Linhares, 2003, p. 97.

35 Como “cidadãs”, entendemos as filhas e esposas de cidadãos atenienses, estando, portanto, excluídas as escravas, estrangeiras e prostitutas.

36 LESSA, *op.cit.*, p.127.

37 BOARDMAN, John. *The History of Greek Vases. Potters, Painters and Pictures*. London: Thames and Hudson, 2001, p.11.

análise e estudo da cerâmica podia-se chegar a uma descrição da vida dos antigos gregos e, desde então, a adoção do estudo ceramológico e iconográfico das produções gregas e de tradição grega já contribuiu em muito para as investigações acerca do mundo mediterrânico antigo, principalmente a partir dos estudos interdisciplinares do final do século XX.

Embora parcial, a evidência material da cerâmica decorada é atualmente a maior fonte de dados da Grécia antiga. Como documento arqueológico, o vaso pode comunicar muito mais do que se fosse tratado simplesmente como objeto artístico. A cerâmica figurada teve um importante papel como mídia de difusão cultural, circulando por todos os campos da dinâmica social grega, pois, além de ter sido produzida em larga escala, possuía caráter funcional e decorativo. Com funções específicas dentro do cenário cotidiano e ritual da sociedade, alcançava grande número de pessoas em lugares diferenciados. Outros meios de discurso social, como as esculturas, colocadas em lugares públicos, impõem modelos dignos de comportamento para os cidadãos, contrariamente à cerâmica: pertencente à esfera do privado, ela remete a um universo íntimo em que regras são transgredidas. Assim, sua popularidade e a diversidade de temáticas são explicadas³⁸. Nesse sentido, a cerâmica figurada grega é um meio excelente para perceber as mudanças, negociações e convenções ideológicas estabelecidas em torno do gênero feminino (CÂNDIDO, 2012).

Todavia, ao trabalhar com os artefatos arqueológicos e seu discurso, é importante ressaltar que estamos atrás da *dimensão humana* que os produziu e os utilizou. Ao estudarmos os fragmentos, nos remetemos ao vaso; ao estudar o vaso, nos remetemos à sociedade que o produziu. Para utilizar esse material como documentação, partimos do pressuposto de que o conteúdo imagético da cerâmica figurada grega tem relação com aspectos da vida cotidiana e representações culturais do período, de forma que contamos com a validade epistemológica das imagens como documento, e levamos em conta os variados objetos que lhe serviram de suporte.

Essa imagética a que nos referimos foi construída através de um diálogo entre produtor e consumidor e, portanto, as mudanças de temáticas podem corresponder à mudança do público consumidor, ou do que ele espera encontrar representado³⁹. A comunicação através da imagem é feita por meio de cenas, constituídas por figuras individuais ou em grupo, que podem ser identificadas por atributos, posturas, relação com o suporte material e, às vezes, inscrições na cerâmica, mas é principalmente confiada ao conhecimento por parte do consumidor, sobre o qual nem sempre iremos compartilhar. A motivação para as cenas é sempre aberta para novas interpretações, mas não devemos desconsiderar as expectativas da sociedade para a qual os vasos foram produzidos.

As imagens são construções simbólicas e os objetos, meios de comunicação e expressão que são capazes de influenciar e, até mesmo, regular a ação social⁴⁰. Elas carregam, ainda, valores sociais e culturais que as qualificam para o estudo da sociedade que as cria e as consome⁴¹. No caso da sociedade grega antiga, as imagens impõem modelos de conduta, transmitem expectativas e aspirações. Na seleção realizada pelos artistas, revela-se a ideologia presente na sociedade na qual eles estavam inseridos. Além disso, consideramos que o discurso iconográfico conforma um discurso próprio, uma vez que o vaso cerâmico, com sua especificidade material e visual, comporta significados, dados e fatos culturais não evidenciados

38 DUKELSKY, *op.cit.*, p.102.

39 GUIMARÃES NETO, *op.cit.*, p.61

40 BEAUDRY, Mary C.; COOK, Lauren J.; MROZOWSKI, Stephen A. "Artefatos e vozes ativas: cultura material como discurso social". *Vestígios - Revista Latino-americana de Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte, v. 1, 2007, p. 71-114.

41 REGIS, *op.cit.*, p.6.

nas fontes textuais⁴², pois os contextos sociais e culturais de produção e consumo de uma imagem são próprios, geralmente independentes dos processos de produção e consumo da escrita. Todavia, entendemos que há conexões entre esses dois discursos, ambos marcados pela visão masculina sobre a mulher: o escritor e o artesão/artista que produziu o vaso.

As representações do mundo social são sempre determinadas pelos grupos que as forjam, já que as percepções do social não se constituem em discursos neutros. O discurso ideológico presente em nossa documentação é aquele que reafirma o modelo da boa esposa – “*mélissa*”⁴³. Em muitas imagens, inclusive naquelas que retratam o gênero feminino, não temos condições de traduzir as intenções do pintor; todavia, considerando os motivos e investigando quais os propósitos das escolhas femininas e masculinas na constituição das cenas, podemos explorar os meios pelos quais o gênero é materializado na sociedade.

Contudo, ressaltamos as dificuldades que encontramos quanto ao acesso a esse material desde o Brasil, fator que delimita em grande parte as pesquisas nacionais sobre a antiguidade clássica. Quando disponibilizado em catálogos online (os mais utilizados, pela sua abrangência, são o Arquivo *Beazley*⁴⁴ e o *Corpus Vasorum Antiquorum*⁴⁵), muitas vezes ainda nos faltam informações sobre proveniência, estado de conservação da peça, suas dimensões, e imagens profissionais que permitam analisar aspectos das cenas iconográficas em ambas as faces do vaso. Além disso, as imagens disponibilizadas causam interferências de cor (as imagens do Arquivo *Beazley* são, em sua maioria, em preto e branco e apresentam a marca d'água sobre elas, visto que essas fotos não podem ser usadas para publicação), algumas vezes não contemplam escala, nem a totalidade do vaso, apenas a cena ou parte dela, de modo que somos obrigados a utilizar outras formas de abordagem para análise dessas peças, sobretudo por meio de ilustrações e desenhos.

Além de encarar empecilhos próprios⁴⁶, a Arqueologia Clássica é mais intimamente ligada ao campo da História e dos estudos clássicos do que ao da Arqueologia nas universidades brasileiras, por ocasião da tradição norte-americana que a formação dos cursos brasileiros seguiu⁴⁷. Esse quadro, aparentemente obscuro, é transformado por todos os pesquisadores que atuam no campo da Arqueologia Clássica no Brasil⁴⁸, contribuindo imensamente para a formação de novos pesquisadores dentro das universidades e desafiando os métodos tradicionais ao trabalharem, muitas vezes, também em temas da Arqueologia Brasileira e Latino-Americana. Portanto, consideramos possível realizar estudos de impacto sobre a antiguidade no Brasil, sendo imprescindível, durante qualquer pesquisa, compreender que estudamos sociedades antigas e sua história de acordo com nossas premissas, nosso contexto atual⁴⁹.

42 GUIMARÃES NETO, *op.cit.*, p.32.

43 LESSA, *op.cit.*, p.18.

44 Hospedado em <http://www.beazley.ox.ac.uk/index.html>

45 Hospedado em <http://www.cvaonline.org/cva/>

46 Posso citar aqui a falta de disciplinas voltadas à Antiguidade Clássica nos programas dos cursos de Arqueologia e a dificuldade de acessar o material arqueológico e bibliográfico de referência.

47 O modelo norte-americano dos quatro campos da Antropologia: Arqueologia, Linguística, Antropologia Social e Cultural e Antropologia Física.

48 Destaco aqui a atuação do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (LECA-UFPEL), coordenado pelos professores Carolina Kesser Barcellos Dias (UFPEL), Camila Diogo Souza (MAE/USP) e Fábio Vergara Cerqueira (UFPEL), e seus esforços para promover a difusão da Arqueologia Clássica entre pesquisadores e estudantes brasileiros. Criado em 2011, o LECA atua como espaço acadêmico para pesquisa e análise da cerâmica antiga na Universidade Federal de Pelotas, e tem sido importante no desenvolvimento e formação de pesquisadores interessados nos estudos do mundo mediterrâneo antigo desde o período da graduação dentro da universidade.

49 “The manifesto that the past must be judged on its own merits is well and good, as it makes us more aware of the fact that societies may function according to principles quite different from our own, but logically it is impossible. The past will always be judged on modern premises”. MEYER, *op.cit.*, p 23.

A convenção da representação das mulheres atenienses nos vasos áticos

A maioria das fontes relativas à Grécia do Período Clássico deriva de Atenas, de modo que a maior parte da informação que dispomos das mulheres gregas se refere às atenienses⁵⁰. As cenas em que aparecem personagens femininos compõem grande parte do quadro geral de motivos na cerâmica ática. Elas figuram em episódios mitológicos como deusas; em cenas cotidianas aparecem associadas ao cuidado com as crianças e ao trabalho doméstico dentro do oikos, além de figurar em cenas rituais e cenas de trabalho em espaços públicos diversos. Como aponta Sian Lewis,

“A mulher da cerâmica ateniense aparece em certos papéis (como esposa, adoradora, em cenas de luto), mas é raramente representada em outros (como jovem, avó ou viúva). Alguns aspectos da vida feminina, como o ritual, são ricamente ilustrados; outros, como a gravidez, nunca o são”⁵¹.

É tradição dos estudos iconográficos agrupar as cenas por temas, associando diferentes vasos com possíveis contextos de produção e origem distintos de acordo com a temática da cena que carregam. Quando consideramos as cenas femininas na cerâmica, a sua distribuição cronológica e geográfica também se torna aspecto central para o entendimento do contexto de produção desses vasos. Naturalmente, as imagens que figuram mulheres sofreram mudanças ao longo do tempo e do contexto social em que foram produzidas⁵², com temas se tornando populares e depois desaparecendo: cenas de luto e o aprovisionamento de água nas fontes são comuns em vasos de figuras negras, enquanto cenas de escravas, sexo e trabalho doméstico aparecem no período arcaico de produção dos vasos de figuras vermelhas.

O repertório de cenas femininas ficou muito mais limitado a partir da segunda metade do século V a. C., quando muitos temas comuns nos vasos de figuras vermelhas - como os banquetes (*symposia*), cenas de cortejo e trabalho doméstico - desaparecem e são substituídos pelo espaço privado do gineceu, preparação da noiva para o casamento e cenas de rituais funerários, configurando, portanto, um interesse maior no mundo da mulher “cidadã”⁵³. Essa mudança na ênfase dos temas pode ser explicada como reflexo da mudança de distribuição das peças: a partir de 440 a. C., a cerâmica decorada grega passou a ser mais utilizada na Ática, e o aumento das cenas femininas é representativo nos vasos que permanecem na Hélade, como as píxides, os lécticos e as hídiyas⁵⁴.

As cenas que retratam mulheres “reais” foram geralmente tratadas pela tradição acadêmica a partir de uma separação binária entre duas categorias femininas: aquelas mulheres que figuram cenas na esfera do *oikos* e, portanto, esposas, e aquelas que estão no espaço público, identificadas pela historiografia como *hetairai*. As falhas desse discurso são múltiplas, iniciando-se pela separação entre duas categorias distintas de mulher e centrando-se somente nelas.

50 SILVA, *op.cit.*, p.10.

51 LEWIS, *op.cit.*, p.13. Tradução minha, do original: “The woman of Athenian pottery appears in certain roles (as wife, as mourner, as worshiper), but is very infrequently shown in others (as young girl, as grandmother, as widow). Some aspects of female life such as ritual are richly illustrated; others, such as pregnancy, are never depicted.”

52 *Idem*, p.9

53 BOARDMAN, *op.cit.*, p.100; CERQUEIRA, *op.cit.*, p.160; CERQUEIRA, Fábio Vergara. “Evidências Iconográficas da participação de mulheres no mundo do trabalho e na vida intelectual e artística na Grécia Antiga”. *IV Encontro de História da Arte - IFCH / UNICAMP*. Campinas, 2008, p.151-185.

54 LEWIS, *op.cit.*, p.9; Sobre a nomenclatura dos vasos, utilizaremos daqui em diante os termos dos vasos gregos propostos no projeto “A Nomenclatura dos Vasos Gregos em Português”, coordenado pela Profa. Dra. Haiganuch Sarian, ainda não publicado, mas que tem o objetivo de fixar os nomes dos vasos em língua portuguesa para uso acadêmico.

Compreendemos que essa visão está baseada no discurso masculino que ditava a separação e a oposição dos dois tipos femininos, e que essa organização não corresponde à realidade ateniense.

As “cenas femininas”, ou do “universo feminino”, como consagradas pela historiografia, são as famosas “cenas de *gineceu*”, em que um grupo de mulheres bem-nascidas é representado dentro do espaço privado que lhes cabe, ocupadas com afazeres domésticos ligados à imagem da esposa ideal, assim servindo à tradição como um modelo a ser seguido. As cenas de casamento também são associadas ao universo feminino, visto que o ritual (demonstrado em uma longa tradição nos vasos áticos) se desenvolve em sua maior parte ao redor da noiva: era de seu encargo as oferendas e os sacrifícios pré-nupciais; banho ritual, com propósitos de purificação, sua preparação⁵⁵, entre outras mulheres da família, e sua procissão pública da casa do pai até a casa do futuro marido. Com duração de três dias, o casamento é um dos rituais mais representados nos vasos atenienses⁵⁶, e é atestado como o evento mais importante da vida da *mulher* na historiografia, embora nada parecido seja dito sobre os homens.

No caso da tradição do estudo iconográfico da cerâmica ática, são os atributos que permitem identificar as cenas como exteriores ou interiores, bem como permitem, até certo ponto, a identificação de figuras femininas entre esposas, cortesãs e escravas. As interpretações das cenas foram tantas vezes baseadas nesses aspectos, que eles se tornaram quase regras absolutas. O cenário nunca é demasiadamente detalhado, justamente aparecendo para classificar uma oposição entre o espaço privado e o público, compondo pouca variação. O interior usualmente é marcado na iconografia pela presença de portas, móveis, colunas e objetos demarcando a presença de uma parede.

Sendo o lar o espaço feminino por excelência e, mais especificamente, o espaço do *gineceu*, exclusivamente de uso das mulheres, sua indicação é geralmente feita por colunas, portas fechadas e espelhos pendurados na parede (os espelhos são outro atributo iconográfico exclusivamente de uso feminino, muito relacionado às cenas “de *gineceu*”, podendo ser interpretados como um símbolo da suposta “reclusão”⁵⁷ das mulheres). As figuras femininas nessas cenas estão geralmente bem vestidas, com cabelos presos e usando adornos, dedicando-se a alguma tarefa doméstica associada ao bom comportamento feminino⁵⁸, como a fiação e a tecelagem, sendo imediatamente remetidas ao universo das esposas bem-nascidas.

Contrariamente, o atributo da nudez - em cenas de interior, como em um banquete, ou em cenas de exterior, como em uma fonte - é imediatamente associado a escravas ou prostitutas, e nunca a esposas e mulheres da elite. Nessas cenas, a interpretação da função da figura feminina é fortemente marcada por “especulações e um discurso consolidado ao longo de vários séculos de estudos sobre esses vasos”⁵⁹. Segundo Cora Dukelsky⁶⁰, enquanto a nudez masculina representa virtude, beleza física, nobreza de nascimento e perfeição espiritual, a nudez feminina de uma mulher “respeitável” não é permitida por motivos religiosos, morais e sociais. Na iconografia vascular, a nudez é usada somente para destacar a “marginalização” de escravas e prostitutas. Nessa perspectiva, a beleza masculina é obtida através da virtude, enquanto a beleza feminina é construída por meio de

55 Nesse sentido, Amy Smith esclarece em SMITH, Amy C. “The politics of weddings at Athens: an iconographic assessment”. *Leeds International Classical Studies*, vol. 4, n. 01, 2005, p. 5: “The actual adornment of the bride, like the bath, was a private matter, but because this was the time for the woman’s most elaborate preparations, the process is lavishly illustrated on relevant vases”.

56 SMITH, *op. cit.*, p.2.

57 LESSA, 2004, p. 27-33.

58 REGIS, *op. cit.*, p.95.

59 REGIS, *op. cit.*, p.53.

60 DUKELSKY, *op. cit.*, p.103.

artifícios, como as vestimentas, associando o bom ao belo: a boa esposa à beleza feminina.

Katz⁶¹ aponta para a tendência de representar o corpo feminino como variação do masculino: na cerâmica ática, a mulher é muitas vezes identificada pelo estilo do cabelo e a adição de seios a um corpo outrora caracterizado como masculino. Kate Gilhuly (2009)⁶² indica as diferentes estratégias para representar o gênero, dispostas em momentos diferentes de acordo com as necessidades retóricas do contexto: a maneira como a mulher seria percebida na esfera pública e a maneira pela qual ela seria representada dependia do papel que ela exercia. De acordo com a autora, o imaginário grego foi composto pela separação do feminino em esposa, prostituta e sacerdotisa, e cada uma dessas categorias corresponderia simbolicamente a um domínio masculino. O gênero, portanto, não conforma um campo unificado, podendo representá-lo de diferentes maneiras.

O trabalho feminino: desconstruindo a ideologia feminina na antiguidade grega

A separação das esferas masculina e feminina na vida social da Atenas clássica causou a distinção entre os papéis de homens e mulheres, os quais determinam o modo pelo qual toda a sociedade se organiza. A exemplo disso, podemos nos remeter aos modelos de educação ministrados a cada um dos gêneros: enquanto as meninas eram treinadas para administrar o espaço doméstico, do mesmo modo os meninos eram instruídos a setornarem soldados e cidadãos políticos da *pólis*⁶³, o que condiciona desde cedo os papéis que eles terão no mundo do trabalho.

Percebemos como as fontes antigas tratam as tarefas femininas que fogem aos parâmetros do ideal masculino de reclusão como uma “situação-limite”, ou seja, uma atividade que remete a uma necessidade imediata e, ao mesmo tempo, temporária, derivada de um contexto de crise no grupo doméstico (a morte do senhor da família, os tempos de guerra e a ameaça à pobreza). Essa postura foi posteriormente reforçada na historiografia, além do aparente consenso por parte dos especialistas contemporâneos quanto à necessidade das mulheres de classes sociais baixas desempenharem tarefas laborais frequentemente fora do espaço doméstico. No entanto, não devemos justificar o trabalho feminino no espaço público apenas como último recurso ou devido a situações de pobreza. As mulheres conformavam parte significativa da população da *pólis*, e não podemos acreditar que elas não exerciam atividades no espaço público apenas porque o discurso masculino dominante não o relatou.

Para as fontes antigas, o maior dever e a função própria da esposa, como descreve Xenofonte (1999) através de um diálogo entre Iscômaco e sua esposa (não denominada), é permanecer em casa, presidir sobre aqueles cujas tarefas são ali feitas (como os escravos da casa), repartir sabiamente os produtos que são trazidos, tecer roupas para a família, transformar e preparar os grãos para a alimentação.

Faz-se significativo que, mesmo quando separadas em grupos (prostitutas, bem-nascidas, etc), estes são heterogêneos. Inclusive quando nos referimos às mulheres livres, devemos ter em mente que a “ideologia reguladora do comportamento feminino era mais flexível em se tratando de esposas dos grupos sociais pobres. A própria necessidade de essas esposas trabalharem para a sua manutenção explica a existência dessa flexibilidade”⁶⁴.

61 KATZ, *op.cit.*, p.90.

62 GILHULY, Kate. *The Feminine Matrix of Sex and Gender in Classical Athens*. New York: Cambridge University Press, 2009.

63 SILVA, *op.cit.*, p.48-49.

64 LESSA, 2004, p.17-18.

Assim, as mulheres trabalhadoras, que agem cotidianamente no espaço público e exercem atividades que lhes dão sustento, conformam uma exceção do imaginário das mulheres reclusas ao espaço do *oikos* e suas respectivas atividades. Associado à pobreza e a situações de conflito, podemos imaginar que o trabalho feminino fosse motivo para vergonha aos atenienses, e por isso não fosse demasiadamente retratado. Contudo, os indícios que possuímos de mulheres em ofícios são bem distribuídos ao longo do tempo (BROCK, 1994⁶⁵; COHEN, 1989), o que coloca em dúvida as interpretações que priorizam as atividades femininas como resposta imediata às crises. Sabemos de alguns vasos que registram a mulher atuando na *Ágora*, no mercado, e na venda de produtos⁶⁶. De acordo com Roger Brock, as fontes escritas mostram claras evidências de que o trabalho pago das mulheres sofre preconceitos e é considerado degradante e constrangedor⁶⁷. Em contrapartida, a atividade das *hetairai* - que muitas vezes também ofereciam seus serviços como acrobatas, musicistas e dançarinas - e das demais prostitutas no espaço masculino, não parecem ser tomadas com vergonha, e são muito bem documentadas (REGIS, 2009), tanto nas fontes escritas como nas fontes material e imagética. Além da atividade das esposas, das prostitutas e das mulheres que trabalham em ofícios especializados, também poderíamos nos remeter à atividade intelectual e artística das mulheres⁶⁸, pois sabemos de pelo menos uma poetisa que constituiu sua própria escola para jovens mulheres⁶⁹. De acordo com Talita Silva:

“O fato de as mulheres serem vistas pela sociedade como inferiores aos homens não significa que seu trabalho fosse desprezado e pouco valorizado. A documentação insiste frequentemente no papel e no valor de uma esposa zelosa que desempenhe bem seus afazeres domésticos. Vale lembrar aqui como no *Econômico* de Xenofonte o personagem Iscómaco assemelha as atividades de sua esposa a da rainha das abelhas, e expõe a importância dessas para o desenvolvimento e a riqueza de seu *oikos*. Os homens sabiam da importância de ter uma boa administradora em suas casas”.⁷⁰

Aristóteles, em *Os Econômicos*, escreve que é trabalho do homem a agricultura, o mercado e as atividades da cidade; é ofício da mulher tecer a lã, fazer pão e exercer as tarefas da casa, além de considerar os componentes do grupo doméstico como o homem e sua respectiva propriedade. Desse modo, a esposa seria o primeiro objeto de seu cuidado, e deveria ser sabiamente escolhida porque sua relação com o homem é a “mais primária” – aquela de natureza inquestionável – e a ela caberia o dever de manejar todo o grupo doméstico.

Xenofonte, no *Econômico*, nos lança uma comunicação entre o espaço privado da casa e as atividades que serão realizadas dentro dele, remetendo-as sempre ao gênero feminino: o cuidado com as crianças, a transformação dos grãos em comida e a fabricação de roupas - são todas atividades tipicamente femininas na compreensão do imaginário grego, justificadas pela própria “natureza” do homem e da mulher.

Se nós alinharmos o discurso de reclusão das mulheres - separadas dos homens e de qualquer vida exterior - nós podemos ser levados a concluir que o trabalho delas também foi confinado ao *oikos* e se constituiu quase inteiramente como distinto do trabalho

65 BROCK, Roger. “The Labour of Women in Classical Athens”, *The Classical Quarterly*. Oxford, vol. 44, 1994, p. 336-346.

66 CERQUEIRA, *op.cit.*, p.117.

67 BROCK, *op.cit.*, p. 346.

68 CERQUEIRA, *op.cit.*, p.104.

69 Nesse sentido, ver KATZ, Marilyn A. “Sappho and Her Sisters: Women in Ancient Greece”. *Signs*. Chicago, v. 25, n. 2, 2000, p. 505-531.

70 SILVA, *op.cit.*, p.48.

masculino, tendo pouca ou nenhuma remuneração. A afirmação normalmente utilizada para conformar um discurso de que a cerâmica era feita especialmente para os olhos masculinos é assim reafirmada, baseada na ideia de que as mulheres não teriam dinheiro e, portanto, não seriam as consumidoras diretas desse material. Contudo, as próprias representações imagéticas do trabalho doméstico nos demonstram como seu local de atuação não era restrito ao espaço privado. Mulheres buscando água nas fontes ou trabalhando no tear são cenas presentes já no século VI a. C., sobre os vasos de figuras negras, e essas representações persistem ao longo do século V a. C., nos vasos de figuras vermelhas⁷¹, como o caso das píxides⁷² do Museu Britânico de Londres, E772⁷³ (Figura 1) e E773⁷⁴, que representam cenas compostas por figuras femininas engajadas em diversas atividades, respectivamente, a busca de água nas fontes juntamente à colheita de frutos em um ambiente externo, e a toalete feminina juntamente com a oficina de tecelagem em um ambiente interno, compondo parte das atividades domésticas femininas dentro e fora do espaço da casa.

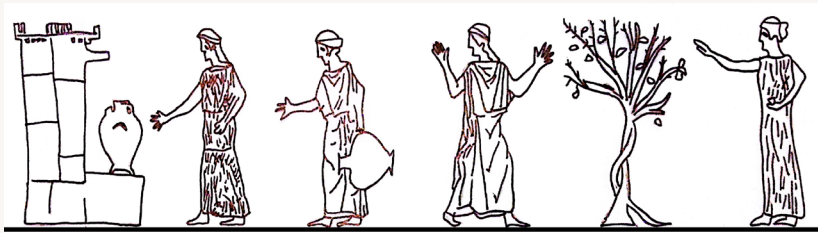


Figura 1 – Píxide. Londres, Museu Britânico, E772. Desenho: Martín Centurión.⁷⁵

Segundo Dukelsky⁷⁶, a busca de água nas fontes, tem seu auge de representação no período histórico-político da tirania dos Pisistrátidas, que realizaram uma série de transformações culturais e melhorias na infraestrutura de Atenas. Entre elas, o provisãoamento de água, concedendo a todos o acesso livre às fontes. Tratando especificamente do tema *as mulheres na fonte*, a autora menciona que essas representações atestaram a presença dessa atividade diária na vida das mulheres atenienses e em sua maioria elas

71 CERQUEIRA, 2008, p.159.

72 A píxide é um vaso cerâmico em formato de caixa com tampa, geralmente remetido ao seu uso no gineceu pelas próprias cenas da iconografia vascular, que demonstram a presença desse vaso na esfera feminina da sociedade, como também pela decoração que eles recebem, sendo grande parte dela figurada por personagens femininas envolvidas em sua toalete.

73 BEAZLEY, John D. *Attic Red-Figure Vase-Painters*. 2ª edição. Oxford, 1963: 806.90. Número do Arquivo Beazley para bibliografia mais extensa: 209971.

74 BEAZLEY, John D. *Attic Red-Figure Vase-Painters*. 2ª edição. Oxford, 1963: 805.89. Número do Arquivo Beazley para bibliografia mais extensa: 209970.

75 A maior parte das imagens aqui presentes são ilustrações baseadas em fotos das instituições museológicas nas quais os vasos cerâmicos são salvaguardados, ou do Arquivo Beazley. Como não possuímos permissão para utilização dessas imagens em publicações, nos utilizamos do melhor meio investigativo a nossa disposição: o desenho. Neste âmbito, destaco o projeto “Banco de Desenhos”, parte integrante do projeto “Bancos de Dados do LECA”, que têm sido desenvolvidos pelos coordenadores, pesquisadores colaboradores e pesquisadores discentes do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga da Universidade Federal de Pelotas (LECA-UFPEL), com o objetivo da constituição de diversos bancos de dados, os quais utilizam a cerâmica antiga como fonte primária de informação, a saber: o Banco de Desenhos, o Banco de Cerâmica e o Banco de Textos Bibliográficos referentes a esses objetos. Deste modo, o projeto proporciona o acesso de pesquisadores e público geral a catálogos de material, desenhos e textos disponibilizados livremente em um local virtual, com caráter educativo e em língua portuguesa, fixando dados e informações para livre consulta e gerando maior visibilidade a trabalhos de pesquisa realizados pela comunidade acadêmica no Brasil.

76 DUKELSKY, *op.cit.*, p.94.

aparecem decorando hídrias, vasos grandes com três alças que serviam justamente para transportar água, como também em outros recipientes ligados ao verter e coletar água.

As fontes seriam lugares de encontro entre mulheres, o equivalente à praça pública para os homens⁷⁷. Lugar público, mas predominantemente feminino, nesse “ambiente encantador”, as mulheres estão bem-vestidas, penteadas, em cenas que “convocam ao público ateniense um universo ideal de belas mulheres reunidas em um edifício privilegiado da *pólis*”⁷⁸.

Ao abordar a questão social ligada às mulheres nas fontes, Dukelsky (2013) e Lissarrague (1990) mencionam a preocupação de “identificá-las socialmente”, uma vez que elas estão em um lugar público, em conflito com a ideia pré-concebida de que as mulheres não saem de casa. Alguns especialistas, baseados nas fontes textuais, afirmam que essas mulheres seriam escravas e a atividade de buscar água seria destinada a elas, pois as esposas e filhas dos cidadãos estariam confinadas ao lar. Contudo, os atributos das imagens indicam o contrário: são todas as mulheres belas e graciosas, que não apresentam indicação de idade. Esse modelo de representação nos remete às esposas bem-nascidas, pois nessas cenas elas são figuradas deste mesmo modo quando ocupam os espaços internos. A possibilidade de que essas mulheres fossem *hetairai*, ou que a cena demonstrasse parte de um ritual religioso, visto que parte das celebrações (até do próprio ritual de casamento) implicava a busca de água na fonte, também foram levantadas. Ainda segundo Dukelsky (2013), em apenas um exemplo, dentro de um conjunto de mais de cem exemplares, podemos identificar escravas, e isso é devido à presença de tatuagens na pele, sinal de sua condição (BOARDMAN, 1975)⁷⁹.

Por volta de 470 a. C., quando essas cenas estão tendo seu maior destaque, aumentam também as representações do trabalho doméstico como, por exemplo, a de mulheres lavando roupa⁸⁰. Isso nos faz pensar que, de fato, a busca de água nas fontes é uma atividade feminina e cotidiana, sendo importante para muitos âmbitos da vida: a vida diária no oikos e os festivais religiosos e matrimoniais de Atenas, nos quais as mulheres tinham papel proeminente, podendo-se dizer maior do que o papel dos homens⁸¹.

Além do aprovisionamento de água, tecelagem e lavagem de roupas, a colheita de frutos⁸² é outra atividade doméstica que leva as mulheres para fora de casa. Além disso, pressupõe-se a relação com a preparação de alimentos, que é fundamental para a manutenção do grupo doméstico.

No espaço público, o trabalho feminino nos remete à interação das mulheres com o trabalho “pago”, aquele que serve como remuneração e apresenta-se como um ofício, sendo importante avaliar como grande parte dessa interação parece ter raiz no trabalho que as mulheres realizavam no *oikos*, ou seja, seu trabalho socialmente condicionado, o que é somente natural. As atividades femininas dentro de casa são também saberes especializados, e que elas tenham se aproveitado disso para torná-las atividades economicamente produtivas não deveria vir como uma surpresa.

77 LISSARRAGUE, François. “A Figuração das Mulheres”. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (Orgs.) *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, vol.1. 1990, p.245.

78 DUKELSKY, *op.cit.*, p.97. Tradução minha, do original: “Convocan ante el público ateniense un universo ideal de bellas mujeres reunidas en un edificio privilegiado de la *polis*.”

79 BOARDMAN, John. *Athenian Red Figure Vases: the Archaic Period*. London: Thames and Hudson, 1975, p. 216-7.

80 Pélica de figuras vermelhas, atribuída ao Pintor de Pan. Paris, Museu do Louvre, inv: G547; Arquivo Beazley nº 206332. Na face A do vaso, duas mulheres parecem estar lavando roupas em torno de um objeto grande, com aparência de balde. Ambas as figuras seguram tecidos e parecem estar no meio de uma atividade doméstica; contudo, não há indicações de cenário para podermos dizer com certeza se estamos vendo um espaço interior ou exterior.

81 DUKELSKY, *op.cit.*, p.100.

82 Hídria de figuras vermelhas, atribuída ao Pintor de Perseu. Adolphseck, Schloss Fasanerie, inv: 39; Arquivo Beazley nº 206721. A cena que decora o vaso é composta por duas figuras femininas vestidas de chiton e himation plissados, e têm os cabelos presos, a da esquerda por um sakkos, e a da direita por uma fita. Elas interagem ao redor de uma árvore frutífera, inclusive uma delas carregando um cesto para seu transporte. Entendemos que se trata de uma atividade feminina fora do espaço privado, e que denota a interação das mulheres entre si e no espaço público.

Ao somar-se às fontes escritas a fonte material (COHEN, 1989), não apenas o material cerâmico ateniense, mas também estelas funerárias e as informações epigráficas⁸³ (RIDGWAY, 1987; BROCK, 1994), podemos conformar uma pequena lista que atesta essa ligação entre trabalho doméstico e o trabalho realizado na esfera pública: a tecelagem, uma das atividades que mais definia a condição feminina da Grécia antiga (ANDRADE, 2009)⁸⁴, poderia ser utilizada para o comércio, e podemos até pensar em oficinas especializadas que seriam espaços de trabalho majoritariamente feminino; a lavagem de roupas; ofícios femininos como ama, ama de leite, ama seca e parteira; a produção de produtos, associada à atividade doméstica da culinária, que também é atestada nas fontes escritas: a venda de pão, vegetais, grãos, sal, mel, e etc.⁸⁵.

Xenofonte também cita ocupações femininas fora de seu próprio espaço doméstico, mesmo que as atividades desenvolvidas se originem dele: em seu texto é clara a importância de se escolher uma boa governanta⁸⁶ e de se treinar uma serva⁸⁷ na tecelagem e transformá-la em proficiente na arte, para dobrar o seu valor. Além disso, a padeira também é mencionada. Consideramos que todos esses trabalhos formam ofícios particulares e ocupações femininas fora do grupo doméstico. É através dessas fontes, que pressupõem atividades femininas no espaço público⁸⁸, que podemos supor e argumentar que a preparação da comida é uma atividade feminina dentro do espaço privado da casa, uma vez que essa atividade não é comumente representada em nossas fontes, sendo os homens muitas vezes aqueles que aparecem na preparação de alimentos, relacionados a situações ritualísticas de sacrifício de animais.

Ao explorar suas atividades domésticas para a venda e troca de produtos, há um grau de consistência nos espaços de trabalho que as mulheres ocupam, e seus produtos costumam ser aqueles que elas mesmas produzem ou adquirem da natureza. Todavia, não devemos assumir que são apenas essas as atividades das mulheres fora do *oikos*, e podemos supor que uma gama de mulheres praticava outros ofícios. Igualmente podem ter havido áreas das quais as mulheres não participavam.

Em uma pélica de figuras negras do Museu Arqueológico de Míkonos, 1865⁸⁹, a cena que figura a face A (*Figura 2*) é composta por uma figura feminina, à esquerda, sentada em um banco. Ela tem ambas as mãos erguidas, segurando dois objetos acima de uma grande ânfora apoiada no chão. À direita figura um homem apoiado em uma bengala, que estende um dos braços à mulher. Conforme a descrição de John Beazley no *Attic Black-Figure Vase-Painters*⁹⁰, o tema da cena é a venda de óleo, o que corroboramos pela postura registrada nas duas figuras: a mulher parece estar de fato manipulando um produto com ambas as mãos e comercializando-o, enquanto o homem, através do gesto de seu braço, poderia estar discutindo os termos da compra. Claramente, eles estão interagindo. Nada indica o cenário na decoração da cena, portanto não podemos inferir se estamos falando de uma cena de interior ou exterior; entretanto, não

83 RIDGWAY, Brunilde S. "Ancient Greek Women and Art: The Material Evidence". *American Journal of Archaeology*. Boston, vol. 91, n. 3, 1987, p. 399-409.

84 ANDRADE, Marta Mega de. "Arte de Tecer. A Poesia do Trabalho Feminino na Grécia Antiga". In: Fábio Lessa, Andreia Cristina L F da Silva. (Org.). *História e Trabalho. Entre Artes e Ofícios*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, v. 1, 2009, p. 59-68.

85 BROCK, *op.cit.*, p.338-339.

86 "Fizemos governanta aquela que nos parecia mais moderada no comer e no beber vinho, no sono e nas relações com homens e, além disso, providente para cuidar que nada de mau acontecesse em nossa casa, capaz também de ver que, agradando-nos, de nós receberia recompensa" (XENOFONTE, 1999, p. 50-51).

87 "Mas há, minha mulher, outras ocupações especificamente tuas, que se tornam agradáveis a ti. Por exemplo, quando uma serva que recebeste ignorante tornas perita em fiar a lã, fazendo que passe a valer o dobro para ti" (XENOFONTE, 1999, p. 42).

88 Aqui nos referimos a "espaço público" como aquele que se configura fora da casa da mulher, mesmo que ele seja verdadeiramente um espaço privado, no interior de uma oficina, de um estabelecimento comercial ou na casa de terceiros.

89 BEAZLEY, John D. *Attic Black-Figure Vase-Painters*. Oxford, 1956: 396.25. Número do Arquivo Beazley para bibliografia mais extensa: 302994.

90 BEAZLEY, John D. *Attic Black-Figure Vase-Painters*. Oxford, 1956.

é isso o que consideramos importante. A particularidade desse vaso é aquela de demonstrar a ocupação feminina no comércio, que poderíamos afirmar cotidiana, se baseados somente nela.



Figura 2 – Pélica. Mikonos, Museu Arqueológico, 1865. Foto face A: Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira.

Em uma ânfora de figuras negras do Museu Real de Bruxelas, R279⁹¹ (Figura 3), interpretamos as cenas em ambos os lados do vaso como a venda de produtos entre homens e mulheres. Nelas, seis figuras de perfil interagem em grupos diversos, sendo cinco delas figuras masculinas, e uma feminina. Esse vaso é um considerável exemplo da presença feminina fora do espaço doméstico, e em um lugar notadamente figurado por homens. A quantidade de figuras masculinas em oposição a uma única figura feminina nas duas cenas do vaso talvez sirva para destacar que o comércio seria, de fato, uma atividade majoritariamente destinada aos homens. Porém, a presença feminina tão pontual parece estar em completa harmonia com o espaço e seus protagonistas. Ambas as personagens femininas do vaso indicam idade avançada pelo corpo robusto, suas vestimentas, o cabelo e modo como se portam; percebemos imediatamente que são diferentes daquelas figuras femininas que figuravam o espaço do *gineceu*. Mesmo considerando a mão do pintor e entendendo a diferença de período, supomos que se trata de uma mulher “cidadã”, que poderia estar comprando, tanto quanto vendendo produtos no mercado.

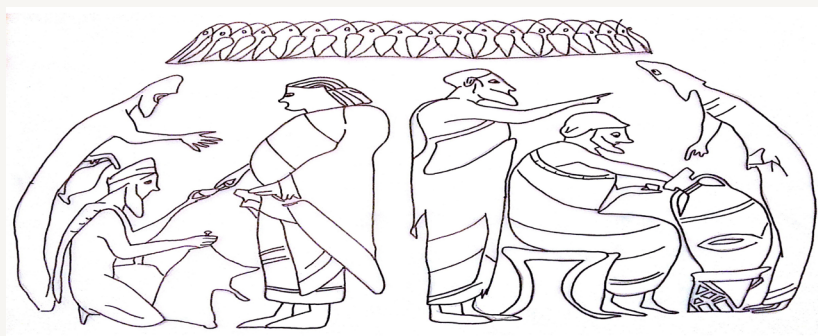


Figura 3 – Ânfora. Bruxelas, Museu Real, R279. Desenho face B: Martín Centurión.

91 BEAZLEY, John D. *op. cit.*, 299.20. Número do Arquivo Beazley para bibliografia mais extensa: 320419.

Na descrição iconográfica feita por Beazley no *Attic Black-Figure Vase-Painters*, em ambas as faces a temática das cenas é a venda de óleo, indicando que o comerciante seria o homem, pois, ao enumerar as figuras das cenas, ele conta primeiro o comerciante, e depois a mulher (em ambas as cenas, “mulher com enócoa”). Entretanto, somos levados a questionar esse posicionamento, partindo do pressuposto de que se as mulheres estavam ocupando um papel no mundo fora do grupo doméstico, de fato, este poderia ser tanto no formato de consumidoras, quanto vendedoras. Se as mulheres tinham o papel de padeiras, por que não pensaríamos que elas estariam vendendo o pão em um espaço público, como o mercado? E se as mulheres saiam de casa para contribuir no comércio da *pólis*, este poderia ultrapassar aquele do socialmente condicionado, e ela poderia comercializar inúmeros produtos.

Do mesmo modo, em uma pélica de figuras vermelhas do Museu Arqueológico Nacional de Madri, 11201⁹², podemos identificar na face A do vaso uma figura feminina que segura dois objetos semelhantes com as mãos erguidas, e se inclina a um grande cesto que tem a seus pés (Figura 4). Na face B do vaso, um jovem sem barba, vestindo um *himátion*, leva uma das mãos ao rosto, enquanto segura uma pequena bolsa com a outra (Figura 5).



Figura 4 – Pélica. Madri, Museu Arqueológico Nacional, 11201. Desenho face A: Martín Centurión.



Figura 5 – Pélica. Madri, Museu Arqueológico Nacional, 11201. Desenho face B: Martín Centurión.

Entendemos que, para compreender a totalidade das representações e seus significados, devemos interpretar as duas faces desse vaso em conjunto. Se em um dos lados, uma mulher com o corpo inclinado adiante, e com os braços levantados, oferece uma espécie de mercadoria que segura nas mãos, ela provavelmente as retirou da grande cesta a seus pés. Podemos notar que sua vestimenta é apropriada para o trabalho, visto que não há transpar-

92 BEAZLEY, John D. *Attic Red-Figure Vase-Painters*, 2ª edição. Oxford, 1963: 554.86. Número do Arquivo Beazley para bibliografia mais extensa: 206329.

ências nem algo que impeça seu movimento. Do lado oposto, encontramos a justificação para a postura da mulher, pois na face B figura um homem jovem que carrega o que aparenta ser uma bolsa de dinheiro. Seu gesto de levar a mão à boca poderia significar o diálogo entre os dois, ou a dúvida do consumidor quanto a comprar ou não a mercadoria que lhe é oferecida.

A interpretação dessas cenas nos leva a reforçar o espaço das mulheres na pólis ateniense nos mais diversos ambientes: grupos domésticos de terceiros, mercados públicos, estabelecimentos privados, as fontes, os campos agriculturáveis. Confirmamos a presença e a atuação das mulheres, e a importância de seu trabalho no contexto da pólis ateniense através da sua materialização na decoração da cerâmica, o que demonstra também o seu reconhecimento no próprio contexto grego antigo. Essa presença compromete aquela visão da ausência feminina do mundo social e público da pólis, construída pela historiografia, e coloca em evidência a participação e a frequência com que o gênero feminino ocupou esses espaços (tanto quanto os homens, por vezes ao lado deles), mesmo que o discurso antigo tenha afirmado o contrário.

Percebemos, ao longo do texto, como as separações entre público e privado foram espelhadas na configuração da relação entre o masculino e o feminino, durante sua reapropriação no processo de formação dos estados nacionais modernos. Igualmente, percebemos que não podemos compreender essa separação como estruturante das relações entre masculino e feminino, porque esses sujeitos ultrapassam essas demarcações o tempo todo. Se continuamente encontramos exceções às regras, isso significa que essa regra não se aplica à realidade em questão. A tentativa do distanciamento entre espaço público e feminilidade pode ter sido efetiva no meio do contexto em que foi criada, mas já não o é mais. São diversas as pesquisas nas últimas décadas que contribuem para a percepção de que as mulheres gregas e atenienses não estavam em uma posição inferior aos homens, demonstrando como as releituras da documentação antiga, tanto a textual, como a material, são benéficas para a desconstrução de “verdades” há muito consagradas nos meios acadêmicos (e também fora deles), e como a sua utilização conjunta aprimora e refina as interpretações que fazemos a respeito do passado.